

O primado do artista sobre o filósofo

José Thomaz Brum*

Este artigo procura apresentar a obra póstuma do filósofo alemão Schelling (1775-1854) intitulada *Filosofia da Arte*. Lançada no Brasil pela Edusp, com tradução e prefácio de Márcio Suzuki, ela constitui um verdadeiro "compêndio do saber romântico".

Schelling, idealismo alemão, filosofia da arte

Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854), filósofo guia da escola romântica, pertence – segundo a história da filosofia – àquela corrente de pensamento denominada "idealismo alemão". Partindo de Kant, os idealistas Fichte, Schelling e Hegel desrespeitaram os limites que aquele impusera à razão humana. Se a razão kantiana (*Vernunft*) estava limitada aos fenômenos, ao mundo tal como aparece para a consciência, o espírito idealista (*Geist*) buscava o Absoluto, a essência que Kant designou como incognoscível, sob o nome de "coisa-em-si". Fichte, com a idéia de um Eu absoluto e ativo, e Hegel, com sua dialética histórica que busca o Absoluto, são exemplos de um pensamento que transgride os conselhos kantianos de prudência quanto ao Absoluto. O *Geist* dos idealistas alemães sonha com a totalidade do real, e foi sobretudo Schelling quem ilustrou essa opção por uma metafísica da infinitude, oposta à finitude kantiana.

A vida de Schelling merece ser narrada: destinado pelo pai, pastor, à carreira eclesiástica, o jovem Schelling foi colega de Hölderlin e de Hegel no célebre seminário de Tübingen. Lá forjou sua cultura artística, sobretudo a literária, com a leitura dos trágicos gregos, de Shakespeare e dos contemporâneos Goethe e Schiller.

Após publicar sua primeira obra importante, *Da alma do mundo* (*Von der Weltseele*), em 1798, atrai a atenção de Goethe e consegue um posto na Universidade de Jena, onde passará cinco anos fecundos, publicando e freqüentando sobretudo o círculo dos irmãos Schlegel, a matriz do romantismo alemão. Em 1803, Schelling casa-se com Caroline Michaelis-Schlegel. Sua filosofia – uma metafísica do absoluto – teorizará concepções essenciais dos primeiros românticos: a idéia de que a imaginação é o fundamento da realidade e a noção de que a existência do universo é semelhante à do poema e não à da máquina.

Períodos

A obra de Schelling atravessou várias fases, que os comentadores costumam dividir em quatro: inicialmente, o "período fichtiano" (1794-1801), depois



Correggio. *Natividade (Noite Santa)*, 1528-30

* José Thomaz Brum é doutor em Filosofia pela Universidade de Nice (França), professor de Estética no Curso de Especialização em História da Arte da PUC-RIO. Publicou *Nietzsche – as artes do intelecto* (Porto Alegre, LPM, 1986) e *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche* (Rio de Janeiro, Rocco, 1998).

o da célebre "filosofia da identidade" (1801-1808), seguido de uma "fase mística ou teosófica" (1809-1817) e, por último, o da chamada "filosofia positiva" ou "Schelling tardio", em que o filósofo elabora um pensamento que se fundamenta na noção de "existência". Essa filosofia tardia, que tem como marco os monumentais cursos "Filosofia da mitologia" e "Filosofia da revelação", possui tonalidade abertamente cristã, que contrasta com o "panteísmo" ou "spinozismo" de seus anos de Jena. Kierkegaard, o pai dinamarquês do existencialismo, foi ouvinte do velho Schelling em Berlim, cujas idéias sobre o caráter abissal da liberdade marcaram para sempre o que se denominou "as filosofias da existência" (Heidegger, Jaspers...).

A obra agora lançada em português, excelentemente traduzida e prefaciada por Márcio Suzuki, pertence à fase da "filosofia da identidade". Cronologicamente situada entre a fundamental *Crítica da faculdade do juízo*, de Kant (1790), e os famosos *Cursos de estética*, de Hegel (1818-1830), a *Filosofia da arte* de Schelling foi publicada postumamente por seu filho Karl Friedrich, em 1859. São notas de um curso sobre a matéria, que Schelling ministrou em Jena (1802-1803) e em Würzburg (1804-1805).

As idéias estéticas aí expostas devem ser, antes de tudo, referidas à obra imediatamente anterior, o *Sistema do idealismo transcendental* (1800), em cuja última parte Schelling afirmara que a arte, enquanto atividade produtora, realiza "a coincidência inesperada da atividade inconsciente e da atividade consciente". Concluindo que a arte realiza, em obra finita, o infinito que o filósofo busca especulativamente, Schelling faz da "identidade dos opostos" o núcleo da arte. Retomando e ampliando a noção kantiana de gênio, Schelling anuncia aí o primado do artista genial sobre o filósofo.

Essência

No curso sobre a *Filosofia da arte* – partindo da essência mitológica da arte – Schelling faz da arte o "órgão" ou o "instrumento" privilegiado da filosofia. Essa vasta obra (407 páginas na edição brasileira) merece atenção por vários motivos. Nela se encontra, por exemplo, uma importante formulação que repercutirá em autores tão distintos quanto Luckács, Benjamin e Heidegger: "o mundo moderno começa quando o homem se desprende da natureza, mas se sente abandonado, já que ainda não conhece outra terra natal".

Essa idéia de separação, do "exílio metafísico" resultante do mundo moderno (tema que Schelling compartilha com Hölderlin), é referida na *Filosofia da arte* à questão da mitologia. Os deuses gregos, simbolizados na estatuária antiga que Schelling tanto admira, revelam um mundo coeso, um mundo em que a arte é sagrada e em que todo fenômeno artístico é epifania.

As referências artísticas de Schelling são as mais conformes à tradição: o Laocoonte, o Apolo de Belvedere, a Madona Sixtina e a *Noite*, de Correggio (lembrança de suas andanças pela romântica galeria de Dresden). Winckelmann, o mestre do sereno classicismo, é o mentor de Schelling nessa obra, pelo menos no que se refere às ilustrações artísticas. A escultura antiga, em que os deuses “existem” – calmos e absolutos – envoltos em um halo de eternidade, simboliza muito bem a “concepção schellingiana do belo”: “a beleza reenvia à unidade e à indiferença como à sua verdadeira essência”.

Metamorfose

Assim como Hegel, o classicista Schelling não teve sensibilidade para reparar em seus contemporâneos da pintura romântica, embora Friedrich e Carus, entre outros, possam ser ditos seus “filhos espirituais” em sua visão da metamorfose da natureza em espírito. Os exemplos e as ilustrações que a *Filosofia da arte* apresenta não são novos; nova, porém, é sua idéia de que a arte salvaguarda uma unidade de forma e conteúdo que a filosofia busca reconstituir especulativamente.

Apesar de sua riqueza em análises de pintores (Leonardo, Ticiano, Michelangelo, Rafael e o favorito de Schelling, Correggio), é na escultura que o filósofo encontra a “identidade”, que, nas páginas sobre a poesia, ele opõe à fragmentação do discurso científico.

Há pelo menos uma passagem célebre nessa riquíssima *Filosofia da arte*: aquela em que Schelling associa a arquitetura à música: “Se a arquitetura em geral é música petrificada...”. A idéia de que ritmos percorrem as colunas dóricas aparece na quarta seção, o que fez Goethe replicar em uma de suas *Máximas e reflexões*: “a arquitetura é uma harmonia expirada” ou uma “arte muda dos sons”. Paul Valéry, mais perto de nós, explorará a analogia schellingiana entre música e arquitetura em *Eupalinos*. Mme de Staël (1766-1817), escritora francesa admiradora do romantismo alemão, fez uso dessa expressão em sua obra *Corinne* (1807). Referindo-se à Basílica de São Pedro, em Roma, a escritora observou: “a vista de um tal monumento é como uma música contínua e fixada”. Mme de Staël introduzira-se às idéias estéticas de Schelling graças a aulas particulares de filosofia alemã ministradas por um jovem escritor inglês, estudante em Jena, Henry Crabb Robinson. Em 1804.

Poesia

O pensamento de Schelling exposto na *Filosofia da arte* sustenta ser a mitologia a matéria da arte, e que será pelo mito que a ciência – depois de ter dissociado o mundo uno em sujeito e objeto – retornará à poesia. A arte

pode ser o guia da filosofia para uma missão de reunificação da realidade atualmente fragmentada. A idéia de que a arte implica uma experiência de "presença metafísica", de que ela é um tipo de linguagem na qual o infinito pode surgir no finito de maneira concreta (como na mitologia), faz da *Filosofia da arte* não apenas uma obra meramente estética ou reflexivamente artística (embora também o seja).

Refletindo sobre a arte, Schelling pensa a perda de "lar", o "exílio moderno": a separação de sujeito e objeto. E sugere uma linguagem que neutralize a dissociação moderna, como a daqueles artistas que – "através de sua individualidade" – são capazes de criar "um círculo fechado de poesia". Essa passagem permite-nos ver que a estética de Schelling não está exilada, ela própria, em um remoto museu das idéias estéticas.

A *Filosofia da arte*, de Schelling, embora não possua a coesão e o sistematismo dos *Cursos de estética*, de Hegel, traz em seu bojo importantes reflexões sobre a dualidade moderna, extraviada em conceitos sem alma; discorre sobre uma linguagem (a artística) que poderia resgatar a unidade entre o sensível e o inteligível, e, sobretudo, apresenta uma profunda consideração sobre a futura união de poesia e filosofia através do mito.